

OPINIÃO

POR Helena Carvalhão Buescu *

Professora catedrática de Literatura Comparada
na Universidade de LisboaJúlio Dinis,
ecologia e futuro

A obra de Júlio Dinis, autor tão mal lido entre nós, é um marco do que poderíamos chamar uma ecologia natural e humana: uma visão integrada das relações entre o humano e o natural. É este o equilíbrio que procura – e que, na sua perspectiva, permitirá garantir a construção do futuro. Em meados do século XIX, as profundas transformações sociais derivadas do fim do Antigo Regime eram já totalmente visíveis. Toda a obra de Dinis responde à consciência da revolução social, política e cultural que inaugurara a época contemporânea, ao mesmo tempo que propõe estratégias literárias e culturais possíveis para que da destruição do antigo possa nascer um mundo mais equilibrado e feliz.

Um dos princípios de revisão da sua obra passa por compreender que a sua “família literária” não é a dominante em Portugal no século XIX. De facto, não é o romance francês, à la Balzac, Flaubert, ou outros, que corresponde ao modelo dinisiano. Com Dinis, temos de olhar para outro lado. A sua família é a do romance inglês de estirpe burguesa, em que a família se torna o microcosmos da sociedade e onde os problemas (pessoais e sociais) que se resolvem à escala do pequeno podem depois encontrar soluções análogas à escala do grande. Assim, o grande modelo social para Dinis é o modelo da ALIANÇA. Só ela pode responder àquilo que estava a chamar-se luta de classes. Este é o grande modelo do romance inglês do século XIX, em particular da 1.ª metade.

O regresso ao campo não é, pois, um regresso idealizado, mas adequado aos novos valores de uma nova sociedade. Esta é uma dimensão ecológica essencial, em que Júlio Dinis lança as bases, com “A morgadinha dos canaviais”, do que Eça depois virá a fazer com “A cidade e as serras”. Ainda ao modo inglês, os problemas centrais da intriga dinisiana situam-se dentro da família, e das grandes alterações que a política introduz na sua composição e na sua plástica sobrevivência. Em todos os

seus romances encontramos famílias em crise – da família comercial de Mr. Richard Whitestone, e da “estroinice” de Carlos; à casa fidalga e decadente d’“Os fidalgos da Casa Mourisca”; e mesmo à composição do lavrador abastado que encontramos n’“As Pupilas do senhor reitor”, José das Dornas, e que duplica a figura de Tomé da Póvoa, d’“Os fidalgos da Casa Mourisca”. Em todos estes romances, a intriga amorosa (que, muito devido à influência inglesa, “termina bem”) não é, pois, apenas pessoal. Na verdade, as danças dos pares amorosos têm de ser entendidas como danças sociais nas quais classes e géneros constituem elementos inseparáveis. Júlio Dinis declina a relação amorosa como imagem do equilíbrio futuro, que encontra a paz social numa união entre duas personagens e duas famílias pertencendo a classes distintas.

A sua obra ocupa-se também dos grandes momentos de passagem entre uma sociedade ancorada ainda no Antigo Regime, que não acabou totalmente, e a sociedade burguesa moderna, que se constitui como substituta da anterior aristocracia. Por esta razão, e porque o valor central da sociedade burguesa é, ao contrário da sociedade aristocrata, o valor do trabalho, a importância da relação laboral é elemento central na narrativa dinisiana. A todos os títulos, é este um Portugal em vias de emancipação (como Cecília, de “Uma família inglesa”, que sai com amigas sozinha, à noite, para celebrar o Carnaval). Porque, tendo resolvido preconceitos sociais e conflitos de classes, encontra no cuidado da natureza, na educação das classes mais desfavorecidas, no acesso à leitura, no valor transformador do trabalho, no universo familiar e doméstico, um conjunto de contratos sociais que lhe permitem encarar com confiança uma visão emancipatória do que um futuro ecológicamente mais equilibrado poderá ser.

* A AUTORA ESCRVE DE ACORDO COM A ANTIGA ORTOGRAFIA